

Eros Revisitado

Flávio Rodrigo Penteado

Universidade Nova de Lisboa/Escola Superior de Teatro e Cinema

Resumo

Ao longo dos anos, tem-se ressaltado a ausência de uma tese nuclear em *Pessoa Revisitado — Leitura Estruturante do Drama em Gente* (1973), em razão da variedade de pontos de vista sobre a poesia pessoana ali presentes. Sem negar a existência de tal variedade, este artigo propõe-se refletir sobre “as audácias fictícias de Eros”, admitindo a hipótese de que esse seja um tópico crucial para o desenvolvimento argumentativo do ensaio.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Eduardo Lourenço, Erotismo, Sexualidade.

Abstract

Over the years, the absence of a core thesis in *Pessoa Revisitado — Leitura Estruturante do Drama em Gente* (1973) has been highlighted, due to the variety of points of view on Pessoa’s poetry that is present in Eduardo Lourenço’s book. Without denying the existence of such variety, this article proposes to reflect on “the fictitious audacities of Eros”, putting forward the hypothesis that this is a crucial topic for the argumentative development of the book.

Keywords: Fernando Pessoa, Eduardo Lourenço, Eroticism, Sexuality.

Uma das imagens que introduzem o volume IX das *Obras Completas de Eduardo Lourenço*, editado por Pedro Sepúlveda sob a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian, exhibe um esboço da folha de rosto de *Pessoa Revisitado* (1973). Com a data de 1966, este esboço apresenta cinco possíveis epígrafes da obra, das quais apenas as duas últimas prevaleceram no volume impresso sete anos depois. Entre aquelas descartadas pelo ensaísta, consta uma conhecida passagem de carta a João Gaspar Simões. Nesse excerto, Pessoa sugeria-lhe “buscar o que poderemos chamar a *explicação central* do artista (tipo lírico, tipo dramático, tipo lírico elegíaco, tipo dramático poético, etc.)”, após o que o crítico deveria, “compreendendo a essencial inexplicabilidade da alma humana, cercar estes estudos e estas buscas de uma leve aura poética de desentendimento” (Pessoa, 1999: 255).

Ao contrário de José Augusto Seabra — cujo *Fernando Pessoa ou o Poetodrama* (1974) reproduz, na epígrafe, praticamente todo o parágrafo de onde provém a passagem mencionada, no qual Pessoa expunha o que lhe parecia ser o papel do crítico —, Eduardo Lourenço não parte da explicação oferecida logo adiante, na mesma carta, pelo poeta a Gaspar Simões: “O ponto central da minha personalidade como artista é que sou um poeta dramático” (*ibid.*).¹ De acordo com Pedro Sepúlveda (2020: 29), a referida *aura poética de desentendimento* diz respeito, no caso de Lourenço, à “integração de múltiplas perspectivas de análise”, refratárias ao dogmatismo que o autor de *Pessoa Revisitado* identifica em abordagens preliminares da obra pessoana. Ainda segundo o mesmo estudioso, tal multiplicidade de perspectivas “torna difícil discriminar qual é a *explicação central* da obra defendida, mas dela depende, afinal, todo o ensaio” (*ibid.*).

A constatação dessa dificuldade não impede que Sepúlveda, em suas considerações introdutórias a *Pessoa Revisitado*, reconheça no ensaio uma “leitura da poesia pessoana enquanto conjunto textual orgânico” (*ibid.*: 34). Concordo que a organicidade que Lourenço reclama para a obra de Pessoa seja determinante para o desenvolvimento argumentativo do livro em questão. No entanto, penso que a ênfase nesta organicidade, nos termos em que é analisada por Eduardo Lourenço, esteja associada a outro argumento, conforme procurarei defender ao longo deste artigo.

Antes de expor a minha hipótese, convém precisar que, embora o subtítulo de *Pessoa Revisitado*, “leitura estruturante do drama em gente”, aponte para a articulação entre a parte e o todo

¹ Recorde-se que esta passagem, em cujo seguimento o autor reclama para si “a exaltação íntima do poeta e a despersonalização do dramaturgo” (Pessoa, 1999: 255), integra a epígrafe do capítulo introdutório do livro de Seabra (1974: XIII). Na fortuna crítica de Fernando Pessoa, esta obra se notabiliza como uma das mais sensíveis à clave dramática de leitura, fornecida pelo próprio escritor.

nos escritos de Pessoa, é em texto anterior à publicação do volume que o seu mais recente editor encontra a matriz daquela leitura orgânica. Trata-se de “A Gênese da Heteronímia em Fernando Pessoa. Análise Estrutural do ‘Drama em Gente’” (Lourenço, 2020: 169–172), datiloscrito em língua francesa até então inédito, datável de início dos anos 1970 e equivalente à introdução da tese de doutoramento que Lourenço pretendia desenvolver na França, o que jamais se concretizou.

Na dita introdução, da qual derivam ideias presentes em *Pessoa Revisitado*, o ensaísta propõe-se “penetrar no segredo” da “explicação do fenómeno da heteronímia que o próprio Fernando Pessoa nos apresenta” (*ibid.*: 169).² É preciso especificar que a *explicação* mencionada aqui alude não à que o poeta cede a Gaspar Simões, autodesignando-se como poeta dramático, mas sim ao esclarecimento que mais tarde presta a Adolfo Casais Monteiro, na famosa carta em que narra a gênese dos heterônimos, ocorrida, segundo ali sustenta, em março de 1914.

A abordagem que Eduardo Lourenço propunha em sua projetada tese de doutoramento concilia duas perspectivas, à primeira vista, antagônicas. Por um lado, admite, para fins metodológicos, a ruptura sugerida por Pessoa a Casais Monteiro, a qual demarcava um antes e um depois da heteronímia.³ Por outro, rejeita esse mesmo mito genesiaco, que pressupõe a nítida distinção entre poemas ortônimos e heterônimos, pois Lourenço enxerga, na poesia pessoana, uma linha de continuidade mascarada pela atribuição dos textos a autores fictícios. Sendo assim, fica clara a proposta, pelo ensaísta, de uma leitura orgânica de todo o conjunto textual, como bem observou Pedro Sepúlveda. Contudo, ao se deter tanto no que aproxima quanto no que distancia esses poemas uns dos outros, o futuro autor de *Pessoa Revisitado* ainda declara, na introdução àquela tese inconclusa: “(...) procuramos resolver não só o mistério da criação de Campos, Reis e Caeiro, mas também (...) o mistério mais decisivo da criação poética de Pessoa, com ou sem heterónimo” (Lourenço, 2020: 172). Referindo-se o primeiro mistério à gênese da heteronímia, a que diria respeito o segundo? A resposta está latente no excerto final do texto:

² No decorrer do artigo, veremos em que medida a proposta crítica de Eduardo Lourenço se filia à de João Gaspar Simões, ao mesmo tempo que dela procura se distinguir.

³ Eis a passagem que parafraseio: “admitimos metodologicamente uma *ruptura* radical — aquela manifestada pela eclosão heteronímica — entre o Pessoa anterior a 1914 e aquele ‘nascido’ nesse mesmo ano” (Lourenço, 2020: 172). Este trecho clarifica a postura adotada pelo ensaísta em *Pessoa Revisitado*, onde propõe a “prévia e ingénuo aceitação das múltiplas autoexplicações de Pessoa” (*ibid.*: 228) não porque acredita corresponderem à realidade, mas sim porque defende serem essenciais para a compreensão da mitologia instituída pelo poeta.



O drama da gênese da sua heteronímia não é a manifestação simples e abstrata de uma disposição inata para a despersonalização ou para a ficção, toda a sua criação depende de uma *ocultação concreta* do combate que, enquanto poeta, Fernando Pessoa travou continuamente com as figuras maiores do mundo dos criadores. Através de Caeiro, Campos e Reis, Pessoa logrou iludir-nos, a nós, seus leitores, mas não a si mesmo (*ibid.*).

Insinua-se nesta passagem o “mistério da filiação”⁴ que Caio Gagliardi considera estar na base de *Pessoa Revisitado*, no qual fundamentalmente se encenam, a seu ver, dois embates: o de Fernando Pessoa com Walt Whitman e o de Eduardo Lourenço com João Gaspar Simões, de quem o ensaísta toma emprestada, entre outras, a “visão da heteronímia como encenação erótica”.⁵ Eis, justamente, onde me parece estar não propriamente a *explicação central* deste livro de Lourenço, mas o que talvez mais se aproxime disso. De fato, um ponto nodal do ensaio reside na circunstância de o erotismo atuar como componente aglutinador no fracionado universo textual pessoano.

O próprio ensaísta o reconhece, em novembro de 1980, no prefácio à segunda edição de *Pessoa Revisitado*, ao responder a críticas que o livro recebeu. Após reafirmar seu intuito de expor a “organicidade interna” (Lourenço, 2020: 212) de toda a poesia de Pessoa — quer ortônima quer heterônima — e reconhecer o peso talvez excessivo da teoria psicanalítica na leitura que propõe, Lourenço rejeita a acusação de que terá apenas decalcado a perspectiva que Gaspar Simões assumira em *Vida e Obra de Fernando Pessoa — História de uma Geração* (1950):

No meu ensaio só se alude à hipótese de uma misteriosa culpabilização (autoculpabilização) relacionada com o complexo erotismo de Pessoa. (...) O essencial de *Pessoa Revisitado* (...) nada tem a ver com a maior ou menor eficácia dessa hipótese da “culpabilização” enquanto dado psicológico (superficial ou profundo), mas com a sua produtividade enquanto elemento capaz de introduzir uma coerência temática estrutural na visão poética de Fernando Pessoa, textualmente verificável (*ibid.*: 213).

⁴ A expressão provém da própria obra comentada: “Tudo o que Pessoa tão luminosamente escreve acerca da inegável *originalidade poética* de Caeiro só parece destinar-se a inconsciente fim de lhe ocultar o mistério de uma filiação e de uma dívida que, mais tarde e às claras, não reconhecerá.” (*ibid.*: 265). Trata-se da conhecida hipótese de que no bojo da heteronímia estaria o embate de Pessoa com Walt Whitman.

⁵ A passagem citada pertence à série “Marcos da Fortuna Crítica de Fernando Pessoa”, na qual integrantes do Grupo Estudos Pessoaanos (Universidade de São Paulo) analisam, de forma sucinta, algumas das mais influentes obras já escritas sobre o escritor. Cf. <https://estudospessoanos.fflch.usp.br/marcos-da-fortuna-critica-de-fernando-pessoa>.



Ou seja: embora Eduardo Lourenço rechace a orientação psicologista de sua leitura, esta não dispensa o viés psicanalítico, cujo foco incide, segundo o ensaísta, não em *quem* escreve e sim *no que* escreve: “Se de psicanálise se trata, é de psicanálise do texto e não do sujeito criador dele” (*ibid.*: 213). É curioso notar, porém, que a asserção aponta para um procedimento compositivo do livro de Gaspar Simões, ainda que este não o tenha admitido. Mesmo procurando se distanciar da generalidade das conclusões a que o biógrafo chega, Lourenço, bem mais adiante, assim se pronuncia sobre *Vida e Obra de Fernando Pessoa*:

Se a ‘fatal’ biografia (...) criou uma *imagem* plausível do Poeta, (...) é porque Gaspar Simões soube ler *nos poemas*, fingindo que lia na vida, o que de facto lá está e à vida se reporta, embora com uma equivocidade e uma ironia de que na sua exegese há poucos traços (Lourenço, 2020: 274; sublinhado meu).

Apesar de podermos filiar a leitura de Lourenço à de Simões, percebe-se em que aquela se distingue desta: no destaque conferido à componente irônica dos escritos pessoanos, a qual dificulta a associação acrítica, pelo intérprete, entre o que o poeta terá vivido e o que escreveu. De acordo com o ensaísta, o erro capital do biógrafo consistiu em tomar a obra pela vida, deslize em que ele não incorreria desde que se mantivesse alerta à veia irônica de Pessoa.⁶

Feita tal distinção entre a abordagem crítica de Gaspar Simões e a de Eduardo Lourenço, podemos prosseguir para o que defenderei estar no cerne de *Pessoa Revisitado*. Admitindo a hipótese de que não se trate de apenas mais “uma das linhas interpretativas que o autor percorre” (Sepúlveda, 2020: 34), proponho que a perspectiva psicanalítica enforma toda a estrutura argumentativa da obra, em linha com o que sugere o seu autor nos excertos que evoquei até aqui.

⁶ Subscrovo o comentário de Caio Gagliardi (2024: 83–84) à segunda passagem de Lourenço citada neste parágrafo: “A indiscreta evidência dada pelo jovem crítico presenciista ao ‘mistério de Eros’ em Pessoa desconsiderava o desnivelamento fundamental entre a vida e a obra do poeta. (...) E é justamente a percepção profunda da ironia pessoana um dos fatores que melhor distinguem a crítica depuradora de Eduardo Lourenço da crítica fundadora de Gaspar Simões”. De todo modo, conforme uma das avaliações a que este artigo esteve sujeito, poder-se-á objetar que “o argumento de Lourenço depende de uma posição muito concreta acerca do autor, pelo que a análise não é meramente textual. (...) Ainda que faça uso do texto para o justificar, o pressuposto é o de que essa produção textual resulta de um fenómeno inerente ao seu autor”. Não estando em causa, aqui, ponderar em que medida a leitura do ensaísta depende da verificação do que Pessoa, como sujeito empírico, terá ou não vivenciado — recordo que Lourenço procura se deter antes na *imagem* projetada pelos textos do que nas eventuais experiências a que poderiam remeter —, limito-me a referir a possibilidade de haver uma “incongruência” na sua proposta de *psicanalisar o texto e não o sujeito criador dele*.



Parece-me que, na construção de tal argumento, o elemento sexual constitui não um item suplementar, mas sim nuclear. Ainda no prefácio à segunda edição, por exemplo, atentemos na forma como Lourenço se refere ao furtivo embate de Pessoa com Whitman:

(...) descobri que o jogo de máscaras de superfície descrito (e encoberto) pelo próprio Fernando Pessoa era um *travesti* de outro mais radical cujo centro se encontrava na relação ‘perversa’ do autor da *Ode Triunfal* com Walt Whitman (Lourenço, 2020: 214).

Vê-se que, além da expressão *encoberto*, o ensaísta emprega — e enfatiza — a palavra *travesti*, cuja conotação sexual praticamente nos passa despercebida no contexto de uma frase em que é ressaltada, de forma mais genérica, a aceção daquilo que se oculta, dissimula ou disfarça. No entanto, relida à luz de todo o restante de *Pessoa Revisitado*, não aparenta ser aleatória a utilização daquele termo, sobretudo porque há outra expressão de cunho sexual muito mais presente no ensaio. Trata-se da palavra *impotência*, cujo duplo sentido é inclusive assumido por Lourenço, no fim do capítulo em que se detém nos poemas que Pessoa atribui a Ricardo Reis.⁷

Alguns anos atrás, Nuno Amado já havia chamado nossa atenção para a centralidade do conceito de impotência no desenvolvimento argumentativo de *Pessoa Revisitado*. Ele viu — e bem — que o embate de Pessoa com Whitman, que Lourenço propunha estar na origem da heteronímia, era parte de um argumento maior, relativo ao que o ensaísta, na esteira de Gaspar Simões, designara como “impotência criadora” (Lourenço, 2020: 251).⁸ Prevenido por Rita Patrício, Amado (2018: 68) também reparou que idêntica expressão já figurava em texto de José Régio, passando a compor o vocabulário crítico da revista *presença* a partir de 1927. No entanto, contrariamente ao que defende o referido artigo, o argumento da *impotência criadora*, tal como empregado por Eduardo Lourenço,

⁷ Eis a passagem a que me refiro: “Que terror de si mesmo escondia, que segredo que fosse só dele e não de todos nós submetidos ao tempo, Pessoa enterrava com tão fabuloso artifício, a ponto de pedir aos deuses, como bênção suprema, *que o não vissem?* Sua solidão? Sua infelicidade? Sua impotência, nos dois sentidos do termo?” (Lourenço, 2020: 259). Mais adiante, porém, o ensaísta refuta o caráter meramente físico do termo: “A impotência que a poesia de Pessoa a todos os níveis, sob todas as máscaras, sob todos os pretextos, transpõe, metaforiza ou alegoriza sem cansaço — só disso se não cansando — não é um dado, e muito menos um dado *sexual* no sentido ‘físico’ do termo, pois, salvo erro fisiológico da Natureza ou acidente de consequências clínicas, não é nunca esse o caso da impotência. É, naturalmente, como Gaspar Simões o intuiu, (...) uma ‘construção’ de um tormento que a tudo se prefere (...)” (*ibid.*: 306).

⁸ Na passagem citada, Lourenço também credita tal argumento a Jacinto do Prado Coelho. Contudo, Amado (2018: 67–68) demonstrou não se tratar exatamente do mesmo que fora exposto no livro *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (1949).



não se traduz em mero “preconceito” (*ibid.*: 69) herdado, entre outros, de Teixeira de Pascoaes, segundo quem Pessoa teria sido menos poeta do que raciocinador (*ibid.*).

Embora Amado não o enfatize, algumas das passagens que cita de outros textos de Lourenço nos quais a expressão se faz notar permitem esclarecer que a ideia de impotência defendida pelo ensaísta guarda, sobretudo, raízes ontológicas.⁹ E digo *sobretudo* porque, sim, a expressão “fracasso clamoroso” (Lourenço, 2020: 221), referida por Amado (2018: 65), efetivamente se encontra associada à noção de *impotência* e com ênfase particular no exemplo pessoano, o que legitimaria a compreensão dela como sintoma de insuficiência individual. Todavia, no contexto em que figura, a expressão se estende a outros poetas modernos aptos a transfigurar esse fracasso, a exemplo de Mallarmé e Rimbaud, mesmo que não tão profundamente quanto Pessoa.¹⁰ Além disso, no parágrafo imediatamente anterior, o ensaísta aludira não ainda ao *clamoroso*, mas sim ao “fabuloso fracasso” (Lourenço, 2020: 221) da criação poética pessoana — fabulosa, porque marcada pela genialidade; votada ao fracasso, porque circunscrita pelo anseio de perfeição, inalcançável.¹¹ Muito mais à frente, no Capítulo 6 de *Pessoa Revisitado*, ambas as dimensões do fracasso serão combinadas por Lourenço ao tratar da relação de Pessoa com Goethe:

⁹ Por exemplo: ao sublinhar o parentesco da “ausência radical de si mesmo e do mundo” (Lourenço, 2022: 240) com a ideia de *impotência criadora*, Amado (2018: 65) deixa de fazer referência ao “sentimento do *eu como ausência ontológica*” (Lourenço, 2022: 240). Além disso, em outro texto também recolhido por Eduardo Lourenço em *Fernando, Rei da Nossa Baviera* (1983), mas composto em meados dos anos 1950, o ensaísta expressamente associa “a *impotência radical de conceber e exprimir a Unidade*” com a “preocupação ontológica contemporânea (...) de um mundo *intra-humano prisioneiro da sua radical impotência*” (Lourenço, 2020: 140–141). Como se vê, nestas passagens a *impotência* diz respeito a uma impossibilidade que transcende o indivíduo.

¹⁰ Eis a passagem completa: “Pode pensar-se mesmo que a *modernidade* é precisamente o fracasso transfigurado, tal como em ordens diferentes Mallarmé e Rimbaud o encarnaram. Somente, em Pessoa, a extensão do desastre atingiu a raiz do projeto poético, impedindo-o, no sentido comum do termo, de ser um poeta. O seu fracasso clamoroso — e sem exemplo — consistiu em se converter, por impotência, ao mesmo tempo ocultada e transcendida, em *vários poetas* (...)” (Lourenço, 2020: 221). Em outro texto também evocado por Amado (2018: 65), “Pessoa ou a Realidade como Ficção” (1975), o ensaísta, tanto quanto em *Pessoa Revisitado*, enaltece Fernando Pessoa, consagrando-o como “um dos poetas-chave da *Modernidade*, se por isso entendemos a *caoticidade* intrínseca de um certo momento da história do Ser (...)” (Lourenço, 2020: 389). Mais uma vez, vê-se bem que, na visão de Lourenço, o tópicus da *impotência criadora* corresponde não a um problema individual, mas coletivo, inclusive porque ontologicamente considerado — do que também dá notícia, por fim, a “impotência radical da linguagem para dizer o seu tormento” (*ibid.*: 329). De resto, a noção de fracasso, em *Pessoa Revisitado*, mostra-se filtrada pelo fascínio que exerce no ensaísta, espelhando a atitude de Pessoa com relação ao John Milton de *Paraíso Perdido* (1667), “inconsciente e subversivo cantor de uma revolta angélica abortada mas por esse mesmo fracasso fascinante” (*ibid.*: 316).

¹¹ Veja-se o excerto na íntegra: “Fernando Pessoa, que muitos consideram o maior dos nossos poetas modernos e um dos maiores do século XX, não pensou nunca que aquilo que ele buscava tivesse finalmente tomado forma nos *poemas*, em que nós, seus leitores, usufruímos aquela espécie de *vitória* em que ele não pôde nunca crer até ao fim. Pessoa não escreveu para vencer qualquer coisa de nomeável, mas para nomear aquilo mesmo que, visionado, determinou o fabuloso fracasso de que os *poemas* são o lugar e o signo de uma redenção sem redentor.” (*ibid.*: 221). O ensaísta torna a aludir à ânsia de infinito em outro ponto do ensaio, quando menciona a “desesperação infinita de tudo e de si mesmo” (*ibid.*: 319) que elucidaria a dificuldade de Pessoa para concretizar seus inúmeros projetos.

A operação que lhe tinha mais ou menos bem sucedido com Shakespeare (os *35 Sonnets*), com Maeterlinck (*O Marinheiro*), com Virgílio e Horácio (Ricardo Reis), com Virgílio e Whitman (Caeiro), com Whitman só (Campos) não lhe será possível com Goethe. Todos os comentadores, a começar por Gaspar Simões, sublinharam com pertinência a sua nula vocação *dramatúrgica*, em sentido próprio. (...) Não é só, nem acaso principalmente, por impotência *estética* que o *Fausto* de Pessoa é um fracasso, mas por motivos mais profundos ligados à sua estrutura anímica e à “história” interior que Eros comanda. (...) O que nas outras obras foi impotência genialmente transfigurada, no *Fausto* permaneceu glosa da impotência pura, atravessada por fulgurações da luz mais sombria de toda a poesia universal, já no limite de tudo quanto nem a sua ilusão permite e, por isso mesmo, testemunhando nele do que mais trágico existe no seu universo, de tragédia íntima e anonimamente humana. § Como religar esta *prática* ao “enigma de Eros” e seu labirinto? (*ibid.*: 321–322)

Não irei me deter, aqui, no problema da suposta inaptidão dramatúrgica de Pessoa, lugar-comum da fortuna crítica do autor que já debati em outro lugar.¹² Tampouco irei me alongar na discussão do que o ensaísta designa como o “*herostratismo* de Fernando Pessoa” (Lourenço, 2020: 319), relativo à “*competição*, sob o signo da rivalidade” (*ibid.*: 311), que o poeta terá alimentado desde sua juventude literária. Tendo em vista o argumento que aqui defendo, bastará acentuar que, em *Pessoa Revisitado*, Heróstrato não se dissocia de Eros. Em outras palavras, sob a ótica de Eduardo Lourenço no ensaio em questão, a rivalidade de Pessoa com seus mestres se vincula ao complexo erotismo que o crítico desvenda na heteronímia, o que reforça a hipótese de porventura estar na dimensão erótica o que mais se aproxima da *explicação central* almejada por Lourenço no livro. É testemunho disso a afirmação de que o “processo de identificação-negação-superação” (*ibid.*: 313), característico da “*imaginação ciumenta*” (*ibid.*: 311) de Pessoa, espelha, no caso dos *35 Sonnets*, “o mesmo esquema já nosso conhecido no teatro erótico (...) o momento de *idealização* e ocultação, ou semiocultação, do sexo” (*ibid.*: 313).¹³ Resta, agora, explicitar que esquema é este.

Embora menos ostensivo em comparação com outros tópicos, a recorrência da sexualidade nos escritos de Pessoa já havia chamado a atenção de seu primeiro biógrafo, que aludira ao “mistério de Eros” (Simões, 2011 [1950]: 447), nomenclatura reexaminada, com invulgar argúcia,

¹² Cf. Penteado (2017).

¹³ A associação entre Eros e Heróstrato também se reflete na estruturação do Capítulo 6 de *Pessoa Revisitado*, “Dois Interlúdios sem Muita Ficção”, o único a ser repartido em duas partes: “I. No Labirinto do Eros Extático” e “II. De Pessoa como Heróstrato”. Ao “enigma de Eros”, portanto, estaria associado “um outro enigma”, relativo a “Heróstrato, herói absoluto da impotência” (Lourenço, 2020: 310).



por Eduardo Lourenço. Em “Álvaro de Campos I ou as Audácias Fictícias de Eros”, quinto capítulo de *Pessoa Revisitado*, o ensaísta se ocupa do “mistério que esse mesmo Campos expõe em plena luz, para melhor se esconder nele” (Lourenço, 2020: 273). Se, no capítulo anterior, Lourenço faz menção ao “auto-ocultamento” ou “nó-górdio” da poesia pessoana, quando se esforça por ler a heteronímia “à luz da ocultação de Whitman em Caeiro” (*ibid.*: 264), é apenas no quinto que sugere estar no encontro com o poeta de *Folhas de Erva* “a falha íntima do mundo de Pessoa” (*ibid.*: 274):

O seu entusiasmo por Walt Whitman não é exclusivo, nem mesmo essencialmente, de ordem *literária* ou *estética*, em sentido comum, se acaso tal coisa existe. Foi um *encontro* ao nível mais secreto, a descoberta de um herói que, entre todas as realidades que defronta e canta, inclui a sua de “grande pederasta roçando-se contra a diversidade das coisas”. Por demais sabe Pessoa que um tal exemplo de liberdade e autolibertação lhe é inacessível e inadequado, que jamais o assumirá na sua *própria pessoa* (*ibid.*).

Após argumentar que, em poemas atribuídos a Campos, o louvor à máquina camufla, em seu excesso, tanto a “passividade erótica” (*ibid.*: 275) quanto o “grau de autopunição dolorosamente trágico” (*ibid.*: 277) que emana de tais textos, Lourenço pacientemente percorre passagens da poesia pessoana — heterônima e ortônima — que apontam para “qualquer coisa de *outra ordem* e da ordem do mais inconfessado, daquela que tudo poluirá do interior” (*ibid.*: 284). Trata-se, inequivocamente, de uma referência à pulsão homoerótica, tópico subjacente à carta de Pessoa a Gaspar Simões referida no início deste artigo.¹⁴ É menos evidente, porém, a conexão deste tópico com a famosa

¹⁴ Como se sabe, Pessoa ali se refere explicitamente ao tópico quando menciona a “pederastia de Shakespeare” (Pessoa, 1999: 253) e o modo como Robert Browning teria reagido a ela. Esta passagem da carta a Gaspar Simões é comentada pelo ensaísta no primeiro terço do Capítulo 5 de *Pessoa Revisitado* (cf. Lourenço, 2020: 286). Deve-se enfatizar, no entanto, que boa parte da carta é atravessada pela questão da sexualidade, introduzida quando Pessoa reflete sobre ideias freudianas: “O êxito europeu e ultraeuropeu de Freud procede, a meu ver, em parte da originalidade do critério (...) mas principalmente de o critério assentar (...) numa interpretação sexual” (Pessoa, 1999: 250). Não é gratuito o subsequente aprofundamento no tema, que inclui um gracejo com a “imagem fálica” (*ibid.*: 256) de “afinar a [sua própria] faca psicológica” com base no “sistema freudiano e seus derivados” (*ibid.*: 252). Com efeito, o núcleo da carta consiste na crítica ao livro *O Mistério da Poesia* (1931), que lhe fora recentemente oferecido pelo destinatário e no qual era coligido o ensaio “Fernando Pessoa e as Vozes da Inocência”, estampado um ano antes na *presença*. Na terceira seção do estudo, o jovem crítico aludia — convocando o vocabulário freudiano — a “remotas perturbações infantis” que pressentia na poesia pessoana, relacionáveis com um “*recalcamento*, um desvio sexual (...)” (Simões, 1993 [1930]: 10). E acrescentava: “Sabe-se, também, como Fernando Pessoa admira a civilização helênica...” (*ibid.*). Ainda que Pessoa garantisse a Gaspar Simões lhe interessar “pouco (...) a sexualidade, própria ou alheia” (Pessoa, 1999: 252), provavelmente não lhe escapara a sugestão, nessa passagem do estudo, de sua suposta homossexualidade. A esse respeito, veja-se o que observa Richard Zenith (2022 [2021]: 859) em recente biografia do escritor: “Pessoa preocupava-

“sexualidade branca” (*ibid.*: 289), que o ensaísta desvenda na “vida dos poemas” — não sem antes advertir que “as concretas manifestações dela na sua [de Pessoa] autêntica vida de relação, ninguém está habilitado a supô-las” (*ibid.*).

Embora estejamos acostumados a entendê-la como sinônimo de desinteresse pelo sexo, a *sexualidade branca*, em *Pessoa Revisitado*, diz respeito não à indiferença sexual que Pessoa buscou transmitir por carta a Gaspar Simões,¹⁵ mas sim à circunstância de essa presumível indiferença recalcar a pulsão homoerótica que também emanava de inúmeros textos que escreveu. Basta recordarmos que Lourenço emprega a expressão pouco após caracterizar a “pederastia proustiana (...) como a ostra que na sua doença segrega a pérola que a redime” (*ibid.*), contrastando a atitude de Proust com o gesto estético de Pessoa, orientado por “um poder de auto-ocultação superior” (*ibid.*) que se traduziria no “*sexo idealmente ausente*” em Caeiro (*ibid.*); no “não (...) menos estranho (...) ‘erotismo’ de Reis” (*ibid.*: 290); e no entrelaçamento de Tântatos com Eros na faceta “histrionica e desgrenhada (...) imaginária e provisoriamente à solta do ‘primeiro’ Álvaro de Campos” (*ibid.*: 290–291).

São vários, aliás, os eufemismos aos quais Eduardo Lourenço recorre em seu ensaio para designar a referida pulsão homoerótica, tais como “marginalidade erótico-sentimental” (*ibid.*: 307) e “‘afetos’ de uma outra ordem” (*ibid.*: 308). Por vezes, há também alusões ao tópico nas notas de fim. Desse modo, embora o ensaísta se limite, no corpo do texto, a afirmar que “Lídia é um duplo-feminino” de Ricardo Reis (*ibid.*: 290), ele assinala, na nota alfabética associada a esta afirmação, que, em uma variante de outra ode atribuída ao mesmo heterônimo, “a celebração mútua não se faz com Lídias e Neeras, mas com um *mancebo*” (*ibid.*: 375). Depois, ao enxergar no drama *O Marinheiro* a “imagem mais justamente vivencial da recusa imaginária do mundo sexual em que viveu o *homem* Fernando Pessoa” (*ibid.*: 293), Lourenço alude a um poema ortônimo que, direcionando-se a uma mulher, configura a exceção que confirma a regra da poesia pessoana, regida pelo “impulso (...) de *ordem erótica*” (*ibid.*: 275) que, em geral, é orientado para o sexo masculino (cf. *ibid.*: 376). Finalmente, após aludir ao anseio, por Pessoa, da “completa eliminação de um desejo cuja silenciosa mas temível tendência lança a sua alma em pânico” (*ibid.*: 308), o autor de *Pessoa Revisitado* nos reenvia para um escrito no qual se encontram “com inexecidível claridade descritos

se um pouco com a própria reputação, pois era óbvio aonde Gaspar Simões queria chegar quando aludiu à sua predileção pela ‘civilização helênica.’”

¹⁵ Além da nota anterior, cf. Pessoa, 1999: 251–253. Uma passagem desse trecho da carta é examinada em Lourenço, 2020: 285.



esse pânico e o conteúdo dele” (*ibid.*). Trata-se de dois parágrafos, então extraídos das *Páginas Íntimas e de Autointerpretação* (1966), editadas por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, dos quais cito apenas uma parte:

(...) Agradava-me a passividade. (...) Reconheço sem ilusão a natureza do fenómeno. É uma inversão sexual fruste. Para no espírito. (...) não tive nunca a certeza, nem a tenho ainda, de que essa disposição do temperamento não pudesse um dia descer-me ao corpo. Não digo que praticasse então a sexualidade correspondente a esse impulso, mas bastava o desejo para me humilhar. (...) (Pessoa, 2003: 186).¹⁶

Na única passagem do livro em que se lê a expressão “homossexualidade de Pessoa”, aventada como “hipótese” diante da qual Gaspar Simões teria sido de uma “discrição exemplar”, em vista do que “a realidade e os textos permitem homologar” (*ibid.*: 309), o ensaísta explicita o caráter de autocensura intrínseco ao “*horror do sexo*” (*idem*):

Fernando Pessoa parece ter ocupado no plano erótico esse espaço dificilmente balizado entre Baudelaire e Proust que é o de uma dupla e contrária repugnância em relação ao que a um e outro foi consentido. Não é o de imaginária indiferença ao sexo, nem pura impotência, mas desesperado e duplo combate para sufocar a expressão de um Eros anômalo¹⁷ e de o transformar em Eros “normalizado”, culpabilizando-se por sentir os impulsos do primeiro e desprezando-se por não poder nem aceitar-se neles nem traduzi-los com os reflexos do segundo. Toda a sua poesia é o doloroso labirinto desta ambiguidade, procurando todas as portas para sair dela sem outro efeito do que o de encerrar-se nele cada vez mais profundamente, até tornar-se no seu próprio Minotauro (*ibid.*; sublinhado meu).

¹⁶ Reforço que a citação feita pelo ensaísta é mais extensa do que essa (cf. Lourenço, 2020: 376–377) e informo que o texto manuscrito de onde provém se intitula “Prefácio”. Ao editá-lo, Richard Zenith anota: “Ao cimo da folha, Pessoa escreveu: «(aproveitar para o ‘Shakespeare?’)». Pessoa deixou muitos trechos para um ensaio sobre o dramaturgo inglês.” (Pessoa, 2003: 417). Mais recentemente, o texto e a respectiva nota tornaram a ser editados por Zenith (agora em colaboração com Fernando Cabral Martins), na coletânea *Diários e Escritos Autobiográficos* (Pessoa, 2022).

¹⁷ Considerando-se que o ensaísta a cita numa das notas de fim (cf. *ibid.*: 376), o termo parece estimulado pela formulação “inversão sexual fruste” (Pessoa, 2003: 186), presente no texto referido na nota anterior. Richard Zenith (2022 [2021]: 526) considera a expressão *inversão sexual* um “termo antiquado que ganha novo sentido quando aplicado ao ultraliterário Fernando Pessoa, mestre na arte de inpletir, inverter e transformar”.



Que também João Gaspar Simões não estivesse distante de chegar a conclusão semelhante parece estar sugerido pelo próprio Pessoa ao elencar os três pontos em que, a seu ver, o crítico deveria se concentrar, o último dos quais seria marcado pela já mencionada *aura poética de desentendimento*: “Este terceiro ponto tem talvez qualquer coisa de diplomático, mas até com a verdade, meu querido Gaspar Simões, há que haver diplomacia” (Pessoa, 1999: 255). Não haveria aqui uma referência velada ao acerto de uma parte da leitura proposta por Gaspar Simões, relativamente à pulsão homoerótica subjacente à poesia pessoana, mas acompanhada do pedido de que o crítico fechasse os olhos para isso (e daí o sentido da *diplomacia com a verdade*)? Se assim for, poderia estar aqui — ainda que por *via negativa* — a *explicação central* a que o poeta alude na carta, devidamente dispersada pela chave dramática que em seu lugar oferece ao seu jovem crítico e futuro biógrafo.¹⁸

Mas e quanto a *Pessoa Revisitado*? Dadas as precauções de seu autor ao abordar o tópico, pode soar excessivo enxergarmos no recalco sexual a *explicação central* do ensaio. Ainda assim, trata-se de um ponto nodal da argumentação que nele se constrói, atestada pelas referências ao tema já evocadas neste artigo. Além dessas, convém enfatizar que, na sequência do capítulo em que se examinam mais detidamente “as audácias fictícias de Eros”, persistem as alusões a esta matéria. Tomem-se como exemplo disso, no capítulo derradeiro, as menções à “pulsão autoculpabilizante que (...) habita [Pessoa]” (Lourenço, 2020: 355) ou à “*culpabilidade fabulosa*” assumida pelo Poeta em seus escritos (*ibid.*: 360), referentes a campo semântico que o ensaísta favorece ao ler não apenas o que Pessoa assinou envergando a máscara de Álvaro de Campos, mas também todo o conjunto da obra que se propõe ler:

É n^o *A Passagem das Horas* que o Eros ambíguo da sua adolescência ousa tomar figura humana e bem sábio será quem distinguir sob a máscara a realidade da ficção (...) Talvez não haja nada mais confessional na sua obra toda confessional sob tanta máscara que a desvenda, mas já dissemos o que basta para reenviar à totalidade que é a poesia de Pessoa esta passagem tão pouco e tão imensamente

¹⁸ Um de seus mais recentes biógrafos aponta para conclusão similar: “Devagar com Freud, advertia Pessoa, não porque a poesia (ou qualquer outra arte) não esteja relacionada aos segredos íntimos do coração humano, mas justamente porque *está*, e esses segredos devem permanecer secretos” (Zenith, 2022 [2021]: 955). Além disso, ao comentar a muito citada carta em que Pessoa responde à abordagem freudiana de Gaspar Simões, propõe Zenith: “A insistência de Pessoa em uma ‘explicação central’ para revelar tudo o que se precisa saber sobre um artista pode ter sido uma tática para encerrar a discussão, para desencorajar Gaspar Simões de se aprofundar em sua personalidade artística (...) Mas pode ser também que Pessoa, com sua autoanálise simplista, estivesse respondendo ironicamente à visão ingênua e reducionista do crítico a respeito de sua obra” (*ibid.*).



Álvaro de Campos. (...) No centro de Álvaro de Campos, como no de Caeiro, Reis ou Pessoa, há essa luz turva do seu mais íntimo segredo que tudo contamina de vazio e sombra, ou a tudo oferece o espelho em mil bocados estilhaçado de consciência separada de si mesma por misterioso mas não menos intenso sentimento de culpa (*ibid.*: 337–338).

A ambiguidade erótica referida neste excerto não se desconecta do *sentimento de culpa* que o seu autor capta em toda a poesia pessoana, como se prestasse atenção a uma voz em surdina. Tal sentimento se prende, segundo ele, à “relação ‘negativa’ (mas dolorosamente negativa) [de Pessoa] consigo mesmo” (*ibid.*: 321). Daí a “incapacidade de amar” (*ibid.*: 322) que o ensaísta sabidamente identifica na figura de Fausto, em quem ressuma um “fantástico *horror de si*” (*ibid.*). Embora Lourenço não o explicita no segmento de onde provêm as citações¹⁹ — extraídas do arremate do sexto capítulo de *Pessoa Revisitado*, no qual se articulam Eros e Heróstrato —, pode-se dizer, à luz de tudo o que foi exposto até aqui, que a referida *incapacidade de amar* se encontra associada ao recalçamento não do sexo em si, mas sim do desejo menos suscitado por figuras femininas que por masculinas. Reforça essa impressão a forma como Lourenço, alguns anos depois, regressa ao tema no ensaio “Fernando Pessoa ou o Não-Amor”, datado de 1984 e recolhido em *Fernando, Rei da Nossa Baviera* (1986). Ali, o *não-amor* é examinado à luz não da experiência amorosa em sentido amplo, mas sim do desconforto provocado na poesia pessoana pela *Mulher*:²⁰

Na verdade, toda a poesia de Fernando Pessoa é uma contínua e dilacerante variação, nos limites do insuportável, sobre a *incapacidade de amar*. De amar a Mulher, em todo o caso, pois o amor homossexual encontrou nele um tratamento poético mais encarnado e convincente que o reservado ao amor com rosto feminino. A tentação imediata seria a de ver na pulsão erótica homossexual, confessada friamente pelo próprio Pessoa, a *explicação*, sem mistério, da sua estranha carência de amor, no sentido tradicional do termo. Mas isso seria reduzir aos limites da psicologia (mesmo profunda) uma aventura poética de alcance decididamente ontológico e confundir a experiência metafísica do *não-amor* com aquilo que o próprio Freud considerava ainda como *desvio* da norma amorosa. (...) O seu *não-amor* apresenta-se assim, menos como mera experiência da frieza ou da indiferença em relação

¹⁹ “É bem difícil”, previne o autor em outra passagem do mesmo segmento, “deslindar uma meada tão enovelada ‘para o lado de dentro’ e tão espetacularmente traduzida em gestos e símbolos para o lado de fora” (Lourenço, 2020: 322).

²⁰ A princípio o ensaísta também evoca, ao lado da Mulher, a imagem de Deus “como objectos de Desejo” (Lourenço, 2022: 136), “figuras do Outro absoluto” (*ibid.*: 137) ou “meros signos da Irrealidade” (*ibid.*). No seguimento do ensaio, contudo, a referência à divindade se perde, favorecendo-se as alusões a seres do sexo feminino.



ao ser do outro do que como traço de *sofrimento* no interior de toda a relação com outrem, mesmo a mais bem-sucedida (Lourenço, 2022: 141).

Vê-se que o ensaísta propõe uma distinção entre a experiência do *não-amor* e a da *inversão sexual*:²¹ esta seria mais específica, concernente à pulsão homoerótica; já aquela, mais abrangente, relativa ao erotismo *tout court*. Apesar disso, a *incapacidade de amar* não se confundiria com frieza ou indiferença, por trazer em seu bojo traços de *sofrimento*, cujos possíveis fundamentos já haviam sido perscrutados por Lourenço em *Pessoa Revisitado*.

Ainda que a avaliação desse ensaio de 1984 mereça ser feita com mais cuidado, importa ressaltar, de todo modo, à maneira de conclusão, a dificuldade de a poesia de Pessoa elaborar o amor pela Mulher. Se são defensáveis, por um lado, as ponderações do autor relativamente ao “sonho antierótico por excelência, o da recusa do corpo como objeto de desejo” (*ibid.*: 138) — feita sempre a ressalva de dizerem respeito à pulsão heterossexual —, resulta bem menos persuasivo, por outro lado, o argumento de que o amor carnal, sensível e sensualmente expresso no poema em inglês *Antinous* “não é tanto um *amor real* que revive aos nossos olhos como *a morte inscrita no coração do mais absoluto amor*” (*ibid.*: 151). No entanto, demandaria um novo artigo a investigação de possíveis motivos pelos quais teria Lourenço minorado, neste ensaio, o lugar que ocupa, no “sofrimento afetivo que designamos de *não-amor*” (*ibid.*: 153), o incômodo suscitado pelo desejo homoerótico.

Referências

- AMADO, Nuno (2018) “Lourenço Revisitado: A Heteronímia e a ‘Impotência Criadora’ de Pessoa”, *Estranhar Pessoa*, 5: 62–77, disponível em <https://doi.org/10.34619/5q6e-yvbh>.
- GAGLIARDI, Caio (2024). “As três grandes refutações: a crítica pessoana de Eduardo Lourenço pelo prisma da ironia”, *Desassossego*, 16.31: 81–93, disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v16i31p81-93>.
- LOURENÇO, Eduardo (2020) *Pessoa Revisitado: Crítica Pessoana I (1949–1982)*, Ed. Pedro Sepúlveda, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- (2022) *O Lugar do Anjo: Crítica Pessoana II (1983–2017)*, Ed. Pedro Sepúlveda, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PENTEADO, Flávio Rodrigo (2017) “Pessoa Dramaturgo: uma Questão Crítica”, *Estranhar Pessoa*, 4: 48–62, disponível em <https://doi.org/10.34619/egxi-wukg>.

²¹ A respeito do termo *inversão sexual*, ver nota 17.



- PESSOA, Fernando (1999) *Correspondência: 1923–1935*, Ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim.
- (2003) *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, Ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- (2022) *Diários e Escritos Autobiográficos*, Ed. Richard Zenith e Fernando Cabral Martins, Porto, Assírio & Alvim.
- SEABRA, José Augusto (1974) *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, São Paulo, Perspectiva.
- SEPÚLVEDA, Pedro (2020) “Introdução”, in Eduardo Lourenço, *Pessoa Revisitado: Crítica Pessoaana I (1949–1982)*, Ed. Pedro Sepúlveda, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 15–46.
- SIMÕES, João Gaspar (1993) “Fernando Pessoa e as Vozes da Inocência”, *presença — folha de arte e crítica*, 29: 9–11. Edição fac-similada compacta, tomo II, Lisboa, Contexto. [1930]
- (2011) *Vida e Obra de Fernando Pessoa: História de uma Geração*, 7.^a ed., Lisboa, Bonecos Rebeldes [1950].
- ZENITH, Richard (2022) *Pessoa: Uma biografia*, Trad. Pedro Maia Soares, São Paulo, Companhia das Letras [2021].



Flávio Rodrigo Penteado é investigador de pós-doutoramento no projeto *Estranhar Pessoa* e membro integrado do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IELT — NOVA FCSH). É também professor adjunto convidado na Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa (ESTC–IPL), onde leciona as unidades curriculares de História do Teatro e Literatura Dramática. O seu trabalho foca a modernidade literária e teatral, com ênfase nas obras de Fernando Pessoa e Mário de Andrade. Publicou mais de uma dezena de artigos em revistas especializadas e capítulos de livros, vários deles centrados em Pessoa. Editou, entre outras obras, o volume *Mário de Andrade por Ele Mesmo*, de Paulo Duarte (Todavia, 2022). Também integra o grupo Estudos Pessoaanos, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (estudospessoanos.fflch.usp.br).

